



À PROCURA DE PORTO ALEGRE, APESAR DE TUDO: CAMINHAR PELA CIDADE EM *SOLIDÃO CONTINENTAL*, DE JOÃO GILBERTO NOLL¹

*IN SEARCH OF PORTO ALEGRE DESPITE EVERYTHING: WALKS THROUGH THE CITY
IN SOLIDÃO CONTINENTAL, BY JOÃO GILBERTO NOLL*

Tamara dos Santos²

Resumo: Este trabalho trata da questão do perambular pela cidade de Porto Alegre em *Solidão continental* (2012), último romance publicado por João Gilberto Noll. Este livro destoa dos demais, se comparados à obra, porque o narrador-personagem busca esquecer, mais do que lembrar, e não consegue se reconhecer na própria cidade. Ao participar de uma reivindicação pública, por exemplo, não consegue sentir-se parte dela. Mesmo quando descobre onde está, acaba por perder as informações em poucos minutos, em um mecanismo psicológico repressivo, que visa atenuar a questão. A partir da teoria do flâneur e do caminhar urbano, investiga-se a questão da flânerie na perspectiva de tensão entre duas posturas: estar-se na cidade, caminhar por ela e, por outro lado, sentir-se ou não participante. Desta maneira, nota-se um flâneur idoso, que usa transporte público, mas sente-se invisível onde vive e destaca-se a importância da questão para estudos futuros, dado o envelhecimento acelerado da população brasileira.

Palavras-chave: Porto Alegre. Literatura e cidade. Flâneur. Participação política. Envelhecimento. Políticas públicas.

Abstract: This paper examines the theme of wandering through the city of Porto Alegre in *Solidão continental* (2012), the latest novel published by João Gilberto Noll. This book stands out from his other works because the narrator-character seeks to forget rather than to remember, and is unable to recognize himself in the city itself. When participating in a public protest, for example, he cannot feel like a part of it. Even when he discovers where he is, he ends up losing that information within minutes, through a repressive psychological mechanism aimed at mitigating the issue. Drawing on the theory of the flâneur and urban walking, this study investigates the concept of flânerie from the perspective of the tension between two stances: being in the city, walking through it, and, on the other hand, feeling—or not feeling—like a participant. In this way, we observe an elderly flâneur who uses public transportation but feels invisible where he lives, and the importance of this issue for future studies is highlighted, given the rapid aging of the Brazilian population.

Keywords: Literature and the city. Flâneur. Political participation. Aging. Public policy.

Introdução

Nos últimos quinze anos, Porto Alegre tem enfrentado mudanças estruturais, com as privatizações em setores como energia, transporte e educação, e o empobrecimento como efeito retroativo às enchentes de 2024, que reverberam em diversas esferas sociais. Houve também pequenas mudanças de infraestrutura que modificaram um pouco a geografia da cidade, como a remoção da passarela entre os dois lados da Rodoviária para a construção do

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutoranda em Letras – Estudos de Literatura (Linha de pesquisa: Teoria, crítica e comparatismo) no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLet) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

corredor humanitário, a tentativa de revitalização do 4º Distrito e adjacências e as reformas de qualificação no Quadrilátero Central do Centro Histórico, que iniciaram em 2022 e encerraram no presente ano³.

Apesar de, no passado, ter sido pioneira em formas participativas para seus moradores, com a criação do Orçamento Participativo, em 1987, no qual havia discussão e escolhas a respeito do projeto de cidade por bairros (programa descontinuado em 2017, sendo retomado somente no ano passado); ou com a realização do Fórum Social Mundial, em 2004, as decisões coletivas têm sofrido uma derrocada gradual. Nesse sentido, as escolhas sobre a urbanidade e transformações urbanas têm sido cada vez mais centralizadas, vide o caso do Cais Mauá e as duas últimas audiências públicas sobre os planos diretores da cidade, nas quais há uma tentativa de aprovar a proposta da ampliação do limite de altura para prédios para 130 metros de altura em regiões estratégicas, como o Centro Histórico e o Quarto Distrito⁴, o que pode, no futuro, transformar drasticamente a paisagem porto alegreense. Além disso, recentemente houve a notícia de que o novo plano diretor a ser votado neste ano tem como campanha estimular a atração de pessoas para Porto Alegre, que foi a quarta capital que mais perdeu população, de acordo com o Censo do IBGE de 2022⁵.

Esse declínio nas condições infraestruturais da cidade não se iniciou nesta década. Há interesses políticos e econômicos em jogo que têm sido decididos majoritariamente por agentes governamentais, com pouca ou nenhuma participação popular, o que contraria o que David Harvey afirma sobre o direito à cidade, que considera “um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos” (Harvey, 2016, p.28).

Assim, este breve panorama urbano de Porto Alegre visa retomar a questão da cidade para estabelecer uma lente que permita a leitura da ficção a partir da flânerie contemporânea. Nesse sentido, cabe a seguinte questão: quais são os sentidos de caminhar por Porto Alegre contemporaneamente em um momento de crise da cidade? O objetivo deste trabalho é analisar

³ PREFEITURA finaliza a revitalização do Centro Histórico de Porto Alegre. **Terra**, Porto Alegre, 3 mar. 2026. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/prefeitura-finaliza-revitalizacao-do-centro-historico-de-porto-alegre,7dbea3aa26d21f677debc2f3100304ef4nclsu9t.html>. Acesso em: 05 mar. 2026.

⁴ Câmara retoma votação do Plano Diretor de Porto Alegre nesta segunda-feira; veja principais pontos. **GZH**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2026/03/camara-retoma-votacao-do-plano-diretor-de-porto-alegre-nesta-segunda-feira-veja-principais-pontos-cmmp8i2d002es013dmnllioha.html> Acesso em: 18 mar. 2026.

⁵ ‘Vem pra cá, guri’: O plano de Porto Alegre para atrair mais gente”. **Metro quadrado**. Disponível em: <https://metroquadrado.com/cidades/vem-pra-ca-guri-o-plano-de-porto-alegre-para-atrair-mais-gente/>. Acesso em: 04 mar. 2026.

a questão no romance *Solidão continental* (2012), último livro escrito por João Gilberto Noll, no qual ficam evidentes crises de diversas ordens.

A partir das dimensões da íntima e da coletiva, a questão de caminhar pela cidade, especialmente pelas ruas de Porto Alegre, é recorrente na obra do autor. Mas, diferentemente dos romances anteriores, em *Solidão continental*, o narrador-personagem sofre de esquecimentos recorrentes, e não consegue se reconhecer na própria cidade na qual nasceu. Mesmo nos momentos quando descobre onde está, perde as informações em poucos minutos. Nesse sentido, investiga-se a questão da flânerie a partir dessa perspectiva de tensão entre duas posturas: estar-se na cidade e, por outro lado, sentir-se ou não participante nela/dela.

Desta maneira, o trabalho se divide em três partes: revisão teórica sobre a questão do flâneur e do caminhante urbano, análise do romance e considerações finais.

Como se move um personagem na contemporaneidade: entre o flâneur e o caminhante

Desde que Walter Benjamin escreveu sobre as passagens parisienses fala-se do flâneur como aquele que, entre o andar e o permanecer estático, despende seu tempo nas ruas da cidade, aprecia a vida urbana e a profusão e diversidade de mercadorias que invadem as lojas. Enquanto consumidor, o flâneur passa de loja em loja, observando as ruas e as pessoas, sem propriamente ter um compromisso, o que também assume uma faceta de voyeur, no prazer de apenas observar à distância. De acordo com Sigmund Kracauer, houve uma uniformização que ocorreu com a ascensão das grandes cidades, em que “Os centros das grandes metrópoles, que são também o lugar do esplendor, se assemelham mais e mais entre si. As suas diferenças desaparecem” (Kracauer, 2009, p.60), e, nesse sentido, a experiência citadina tornou-se cada vez mais previsível, a partir de fenômenos como a globalização, que trouxe um fluxo de trocas comerciais, econômicas e linguísticas, entre outras, com o trânsito de pessoas. Por outro lado, na academia, houve um excesso de estudos sobre flâneur, apontado por Beatriz Sarlo (2005, p.98), que diagnostica uma moda da cidade como tema de trabalhos acadêmicos, em que “as palavras flâneur e flânerie são usadas como inesperados sinônimos de praticamente qualquer movimento que tenha lugar nos espaços públicos”.

Algum tempo se passou entre a Paris observada por Benjamin, os centros das cidades visitadas por Kracauer e as cidades do século XXI e outros teóricos visitaram as teorias do flâneur. Em estudo com ênfase sobre a flânerie feminina, Lauren Elkin define o flâneur como “Figura de privilégio e ócio masculino, com tempo e dinheiro e nenhuma responsabilidade

imediate que demande sua atenção, [que] entende a cidade como poucos, pois memorizou-a com os pés” (Elkin, 2022, p.13). Aqui estabelece-se uma conexão entre a figura do flâneur e a questão do caminhar, que tem sido debatida desde meados do fim de século até o presente momento por diferentes teóricos. Em livro sobre o escritor como caminhante, Merlin Coverley [2012] considera o flâneur como “esquivo a ponto de não se poder absolutamente localizá-lo, e a própria busca por essa figura assume as características da flânerie e oferece novas maneiras de experimentar a cidade (Coverley, 2014, p.139).

Para Michel de Certeau, as práticas do espaço podem ser percebidas como “teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade” (Certeau, 1998, p.175). O autor afirma que “caminhar está para o sistema urbano como a enunciação para a língua” (Certeau, 1998, p.177), em que se estabelece uma comparação entre o caminhar e a enunciação linguística, pois ambos fazem parte de sistemas e funcionam como unidades de medida sobre um tema maior. Assim, para conhecer a cidade deve-se ter noção dos percursos, trajetórias e itinerários que permitem resgatar uma memória do sistema urbano para perceber como ele é, a prática do espaço e não apenas uma teoria abstrata a respeito de um lugar.

Nesse sentido, o ato de caminhar assume tríplice função: opera como processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre, realização espacial do lugar, e nas relações entre posições diferenciadas. Aquele que caminha pela cidade transforma em outra coisa cada um dos significantes espaciais pois, ao lidar com o número dos possíveis, interditos, seleções, descontinuidades, “o caminhante constitui, com relação à sua posição, um próximo é um distante, um cá e um lá” (Certeau, 1998, p.178). Deste modo, “A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita, etc.” (Certeau, 1998, p.179), o que pode ocorrer em percursos variáveis, em uma retórica da caminhada, na qual pode haver estilos e usos, que dependem do sujeito que caminha:

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade. A identidade fornecida por esse lugar é tanto mais simbólica (nomeada) quanto, malgrado a desigualdade dos títulos e das rendas entre habitantes da cidade, existe somente um pulular de passantes, uma rede de estradas tomadas de empréstimo por uma circulação, uma agitação através das aparências do próprio, um universo de locações frequentadas por um não-lugar ou por lugares sonhados (Certeau, 1998, p.183).

Aquele que caminha pela cidade não apenas efetua um ato, mas busca entender seu lugar na cidade e da existência como um todo. Nessa perspectiva, a errância é uma falta de lugar, que permanece em uma busca contínua de respostas que ocorre a partir das relações e dos cruzamentos entre diferentes subjetividades que compartilham a mesma inquietude. Assim, existe uma identidade do caminhante que vai se modificando de acordo com as interações, sem um compromisso com a fixidez, que passa através das ruas, como a multidão.

Por outro lado, Rebecca Solnit [2000] analisa a figura do flâneur de modo um pouco mais crítico, ao percebê-la mais como um ideal do que como materialidade empírica: “O único problema com o flanador é que ele só existiu como figura, como um ideal é personagem na literatura [...] Ninguém satisfaz exatamente ao conceito de flanador, mas todos se envolveram em uma ou outra versão da flanagem” (Solnit, 2016, p. 332). Outra questão importante para a autora é a da ocupação do espaço público através de ações coletivas, que considera como parte história cultural do caminhar: “Desfiles, manifestações, protestos, levantes e revoluções urbanas têm tudo a ver com a travessia do espaço público pelos integrantes do público, por razões expressivas e políticas, e não simplesmente práticas” (Solnit, 2016, p.360). Solnit percebe o caminhar como discurso e como meio de agir sobre determinado tema:

Caminhar, que pode ser uma prece, sexo, comunhão com a terra ou meditação, torna-se discurso nessas manifestações e insurreições, e já se escreveu uma boa parte da história com os pés dos cidadãos que andaram por suas cidades. Esse caminhar é uma demonstração física de convicção política ou cultural e uma das formas mais universalmente acessíveis de expressão pública (Solnit, 2016, p.361).

Solnit argumenta que o caminhar pode ser percebido como discurso de ação, em que aquele que caminha exerce seu direito e faz sentir sua presença política nas ruas, o que indica uma participação em relação às decisões políticas tomadas. Apesar das diferenças, cada vez mais abismais, entre as pessoas, elas podem compartilhar demandas, e, nesse sentido, as caminhadas públicas em prol de objetivos comuns “indicam a possibilidade de um denominador comum entre pessoas que não deixaram de ser diferentes umas das outras, pessoas que finalmente se tornaram o público” (Solnit, 2016, pp.361-362).

Assim, para exercer o direito à cidade na plena acepção do termo, é necessário conhecer a cidade e agir, ao caminhar através dela: “Somente os cidadãos familiarizados com sua cidade enquanto território prático e simbólico, capazes de se reunir a pé e acostumados a

caminhar pela cidade, conseguem se rebelar” (Solnit, 2016, p.362). Desse modo, as mobilizações urbanas coletivas têm um potencial de devolver às pessoas uma parcela da participação que a democracia enquanto regime político deve oferecer, especialmente em tempos nos quais a tecnologia acaba por distanciar as pessoas do espaço público: “hoje, todo desfile, toda marcha, toda festa pode ser considerada um triunfo sobre a alienação, uma retomada do espaço da cidade, do espaço e da vida públicos, uma oportunidade para caminhar em grupo naquilo que deixou de ser uma jornada e já é chegada” (Solnit, 2016, p.384).

Para Frédéric Gros [2008], o flâneur é aquele que caminha, mas não como um caminhante comum, mas sim como aquele que se movimenta sem ser notado, que desliza na multidão: “O fato é que o flâneur caminha, diferentemente do simples curioso, que está sempre parando diante de alguma atração ou a fim de olhar fascinado as vitrines” (Gros, 2021, p.161-162). Com o desenvolvimento e crescimento das cidades, às quais compara a florestas e selvas, Gros percebe que o flâneur passou a ser um subversivo em relação à lógica:

O flâneur é subversivo. Subverte a multidão, a mercadoria e a cidade, assim como seus valores. [...] O ato de caminhar do flâneur é mais ambíguo, e sua resistência à modernidade, ambivalente. Subversão não é opor-se, mas contornar, desviar, exagerar até alterar e aceitar até ultrapassar. O flâneur subverte a solidão, a velocidade, o atarefamento e o consumo (Gros, 2021, p.163).

O flâneur então pode ser considerado aquele que, apesar de ser filho da modernidade, não se adequa a ela, sempre em movimento ambíguo, que se esconde na multidão e mantém seu anonimato. Para Robert Tally Jr. [2013], o conhecimento da cidade do flâneur “incorpora também uma percepção clara das diferentes forças e efeitos de uma cidade” (Tally Jr., 2018, p.108). Ou seja, os flâneurs têm grande propriedade para perceber questões, pois são eles que praticam a observação urbana de modo atento e *in loco* e este conhecimento possibilita evidenciar diferentes tipos de experiência: “o flâneur que perambula não é tanto um cartógrafo meticuloso [mas aparece] como um artista ou poeta das ruas, alguém que “pinta” a vida moderna em sua abstração e imagética mutável (Tally Jr., 2018, p.112). Em relação a questão da literatura e cidade, Luis Alberto Brandão (2013) destaca o desafio teórico de compreender o papel da cidade e do livro em tempo de crise:

Cidades e livros podem ser tomados como complexos modelos estruturadores da narrativa da modernidade, englobando os desdobramentos empíricos e imaginários dessa narrativa. Se é válido supor que, conforme muitos fatores indicam, tais modelos encontram-se atualmente em crise (ou, pelo menos, sujeitos a

transformações profundas, o desafio teórico consiste em detectar as fraturas que ameaçam a sua hegemonia e ao mesmo tempo anunciam modelos incipientes (Brandão, 2013, p.38).

Não apenas na modernidade, em que as cidades estavam em processo de assentar-se como pólos econômicos e culturais, houve uma mudança na dinâmica entre as cidades com a globalização e o neoliberalismo, que mudaram o paradigma entre pessoas e espaço, em uma cidade que já não obedece os moldes modernos. A respeito das cidades brasileiras contemporâneas na literatura, Regina Dalcastagnè comenta a respeito do sentimento de distanciamento que os personagens sentem em relação ao espaço, o que promove uma desterritorialização em relação ao pertencimento e à identidade:

A velocidade descolaria os homens da paisagem urbana, arrancaria o chão debaixo dos seus pés. Nada mais coerente, então, que levar ao leitor uma tentativa de representação desse processo: com personagens desterritorializadas - de identidade embaralhada, ou mesmo apagada -, atravessando cidades desertas, que exigem apenas duas fachadas, como se fossem manchas no horizonte, ou, quem sabe, restos de um filme velho que ficou na memória. Nesses espaços vazios, os encontros são impossíveis [...] Destituídas de sua relação com a cidade, essas personagens se privam também da relação com o outro (Dalcastagnè, 2026, p.82).

Além do afrouxamento das relações entre sujeitos e a cidade, tematizado pela literatura, há uma consequência social, que é uma diminuição do convívio social e da vinculação entre pessoas. A obra de Noll é trazida por Dalcastagnè como exemplo de literatura em que a questão da identidade fica embaralhada, em que personagens acabam por deixar-se levar pelo fluxo, sem constituir grandes narrativas.

Porto Alegre sob a perspectiva do flâneur contemporâneo

O romance *Solidão continental* divide-se em 17 capítulos. Nos capítulos 1 e 2, a narrativa inicia na Randolph Street, em Chicago, com o narrador-personagem à procura da filha. No entanto, quando chega no lugar marcado, o Hotel Allegro, ao invés dela, descobre um grande amor que não vê há vinte anos. A dinâmica acaba indo para a cidade do México em um interlúdio no Museu Trotski, em que ocorrem alguns interlúdios, e, a partir do capítulo 4, trata-se especialmente de Porto Alegre, embora não haja referência explícita à cidade até a página 72, quase no final do capítulo 7.

O leitor acompanha então o movimento do narrador junto a Frederico, estudante italiano que está aprendendo português em uma breve estadia no Brasil. O início do capítulo

deixa reticências em relação à cidade que é acessada pelos leitores durante a leitura. A frase de abertura do capítulo 4, “Saí para a rua brasileira depois de doze horas de sono no meu apartamento” (Noll, 2012, p.49) causa estranheza, porque, nos capítulos anteriores, havia uma efusão de referências que, apesar dos momentos oníricos, típicos da ficção de Noll, que situavam espacialmente o leitor. Aqui, as referências são genéricas, como em: “Será que me acostumaria novamente ao anticlímax do Brasil? No entanto, esse anticlímax era o que eu precisava para viver sem sobressaltos um dia após o outro” (Noll, 2012, p.50).

Nota-se uma situação de dependência em relação aonde se está, provavelmente de ordem econômica, ao mesmo tempo que uma certa má vontade por ter que voltar. O leitor poderia perguntar-se por que tamanha repulsa ao retorno, visto que nos capítulos anteriores o narrador ansiava por aventura, e mapeou os trajetos nos países pelos quais passara. Pode-se supor certa invisibilidade do narrador-personagem tanto antes como após a viagem pois, durante a narrativa, não há família ou pessoas próximas que o procuram, tem contato apenas com pessoas que ele conhece por acaso e que, por maior acaso ainda, saem da vida dele. A hipótese é reforçada pelo título, que contém a palavra solidão, e indica a fragilidade da situação do narrador em relação aos vínculos sociais e afetivos, o que se aproxima do apontado por Dalcastagné.

Ao mesmo tempo, a questão levantada pode ir além da esfera individual e passar para o âmbito coletivo. Nota-se certo pendor de Noll para a autoficção, a respeito da qual Anna Faedrich (2015) traça uma detida análise. Faedrich aponta uma confusão conceitual no termo, especialmente em sua delimitação, e compreende-o como o estabelecimento de um pacto oximórico, no qual se estabelece a noção de contraditório dentro da forma romanesca. Diferentemente de outros gêneros textuais que compõem a escrita de si, como “confissões, literatura de testemunho, diários, memórias e autobiografias” (Faedrich, 2015, p.48), o romance opera com a ambiguidade referencial e de fatos, em que autor e personagem se confundem.

Nesse sentido, não há linearidade nem adesão completa ao princípio de invenção nem à autobiografia, pois há uma mescla entre os dois em uma ambiguidade insolúvel. Outra característica é que, na autoficção, é a ficção que está no primeiro plano, ainda que possa haver elementos autobiográficos que compõem a tessitura textual literária e o “rebuscamento no trato com o texto e a linguagem” (Faedrich, 2015, p.53), em que a preocupação com a

estética e linguística que remetem à busca pela melhor expressão possível, com o emprego de polissemias e intertextualidades.

Há também o caráter de autoficção como escrita terapêutica, próxima à psicanálise, em que se busca “mitigar a dor e conferir maior inteligibilidade à experiência traumática” (Faedrich, 2015, p.55). Assim, a narração pode se dar a partir do trauma e com a finalidade de lidar com ele, como autoconhecimento e alívio.

Se for levada em consideração a tendência autoficcional de Noll, que pode aproximar personagem e história biográfica do autor, nota-se que o autor tinha 66 anos na época da publicação do livro e um histórico de precariedade para sustentar-se de escrita pois, apesar do reconhecimento e premiações referentes a seu trabalho, sofria dificuldades financeiras recorrentes (Magdaleno, 2012; Ilha, 2021), o que indiretamente indica uma dimensão de omissão da cidade em relação aos idosos e, mais ainda, com agentes da cultura, como escritores. Por que devo retornar para um lugar onde ninguém me vê é, em parte, a questão do narrador-personagem, que lida subrepticiamente com uma questão de afeição ao lugar de origem.

Assim, propõe-se que, em *Solidão continental*, o narrador-personagem vivencia uma dinâmica de recalque psicológico, com teor autoficcional, em relação à cidade de origem, que atua como medida de defesa para diminuir o sofrimento do personagem, o que é visto pela fuga do personagem a respeito dos nomes das ruas e da cidade. Sigmund Freud analisa uma situação em que trocou nomes próprios, ainda que pudesse identificar o correto, quando dito por outra pessoa e que “ao lado do esquecimento simples de nomes próprios também ocorre um esquecimento que é motivado por recalque” (Freud, 2021, p.19).

A propósito do mecanismo de recalque, Sigmund Freud (2004, p.178) afirma: “a condição para que ocorra o recalque é que a força que causa o desprazer se torne mais poderosa do que aquela que produz, a partir da satisfação pulsional, o prazer” e, nesse sentido, “sua essência consiste apenas na ação de repelir algo para fora do consciente e de mantê-lo afastado deste”. Argumenta-se que esse mecanismo, aliado ao aceno ao teor autoficcional do narrado, elucida a questão dos problemas de esquecimento persistentes, analisados a seguir.

Após um episódio por causa da bebida, que fica entre delírio, a alucinação ou o sonho, o narrador reencontra Frederico, com quem vai, no dia seguinte, passear pelas ruas citadinas: “Era sábado, fomos a um show de acrobacia no velho mercado da cidade. Em meio a bancas que vendiam uvas, morangos, ameixas, nozes, um homem se equilibrava pisando nos pés do outro que deitado erguia as pernas na vertical e dava um sustento vigoroso ao companheiro”

(Noll, 2012, p.60). O envolvimento do narrador, ao compartilhar observações precisas sobre o urbano, como o olhar para os artistas mambembes e para os feirantes, imediatamente remetem à uma Porto Alegre afetiva, tanto para o leitor que está situado ou conhece a cidade sem citar qualquer referência explícita. Caso o leitor leia sem o contexto, o trecho poderia ser aplicado a qualquer cidade histórica, sem algo que identifique especificamente. Tanto quanto é possível, ele insiste em manter distanciamento das questões e da cidade em si:

Pela principal rua do centro da cidade nos vimos de repente no meio de uma passeata. De início não acatamos qual o significado daquela caminhada. Aos poucos fomos descobrindo tratar-se de reivindicações de funcionários do município. Para nós não importava o pleito em si, mas o fato de estarmos protegidos bem no núcleo da passeata. Tínhamos, por momentos, companheiros - fictícios que fossem - a gritar palavras de ordem, palavras que mimetizávamos por nossas bocas famintas de fraternidade, mesmo que ali não houvesse praticamente nada para nos representar (Noll, 2012, p.61).

Embora o flâneur possa ser subversivo, conforme o que foi retomado de Gros e Solnit, na questão das caminhadas públicas, percebe-se que não é o caso do narrador que, apesar de andar pela cidade, parece alheio àquilo que o rodeia, tanto às questões sociais envolvidas quanto à cidade em si. Há mais uma participação à certa distância do que uma participação e uma integração à passeata propriamente dita. Embora possa se argumentar que a sensibilidade do narrador de narrar a situação e ter certa fraternidade com o que está ocorrendo, não há interesse real de mobilização, não há um sentimento compartilhado de pertencimento nem o desejo de exercer seu direito à cidadania, como se aquela estrutura já não dissesse respeito a nada que pudesse, de fato, agir positivamente na vida das pessoas e melhorasse, direta ou indiretamente, a vida do personagem.

Em diversos momentos do romance, nota-se que o recorrente esquecimento do narrador, que é sintomático e parece operar segundo uma dinâmica traumática, na qual lembranças potencialmente dolorosas são rapidamente recalçadas, produzindo apagamentos ou falhas na memória. No entanto, o recalçado insiste em retornar, e o leitor acompanha esses retornos, um pouco confusos, conforme o próprio narrador reconhece: “vai-se a memória, confusão mental é como os médicos chamam esse estado” (Noll, 2012, p.85). Meio do nada, Frederico e o narrador-personagem vão parar em uma pousada na beira de um rio: “Fui à varanda. A pousada era constituída por chalés. Lá embaixo um rio passava grafite. O fundo deveria ser rochoso e não de barro” (Noll, 2012, p.64).

Depois de andar sem rumo definido, o personagem acaba por esperar na parada de ônibus, sem tomar uma ação: “Andava sem demonstrar certa dificuldade com o peso do rapaz. Subi a encosta mas não reencontrei a pousada. Peguei o rumo de uma estrada pelo acostamento. Até encontrar o banco de uma parada de ônibus. Sento-o ali com cuidado” (Noll, 2012, p.67). Logo um homem interfere na situação e chama a ambulância e, enquanto esperavam, o personagem observa o ambiente ao redor de onde estão, onde vê uma placa, que informa ao leitor a localização aproximada de onde estão, quando o leitor atento e familiarizado com os nomes dos bairros descobre enfim Porto Alegre:

Vi uma placa contendo a palavra Lami. Achei que essa palavra me fosse familiar, mas logo me desfiz da ideia porque eu já era quase uma ave tendo como cenário apenas a imensidão do céu, libertada da curiosidade malsã ali de baixo [...] Lami, ouvi essa palavra no recôndito de mim. Ela ressoava na minha audição interna, mas não dava pistas para eu poder ter acesso a seu sentido. Quando eu a ouvira? Tão logo subi na traseira do veículo do Samu, para ficar ao lado de Frederico, mirei por sobre as cabeças dos curiosos para ver se eu identificava aquele ponto de uma cidade que até então não sabia reconhecer. Não havia prédios altos, de modo que deu para ver apenas algumas copas de árvores, o céu límpido da manhã, e as cabeças de alguns desconhecidos que nos cercavam (Noll, 2012, p.71-72).

Nota-se aqui a dificuldade do personagem em reconciliar palavra e sentido, pois ocorreu uma perda de conexão entre elas. Ainda assim, a lembrança carrega um teor emocional, quando ele utiliza a palavra ressoar para se referir a Lami. De acordo com o dicionário Aulete⁶, o verbo ressoar pode ter quatro acepções: produzir som, soar; tornar a soar, ecoar, repercutir; produzir sons cadenciados, cantar, modular; soar com estrondo, retumbar. Se observada com atenção, a palavra indica de modo profundo e com diferentes nuances a questão mal-resolvida entre aquilo que o personagem sente, tanto que o vestígio de Porto Alegre faz-se ecoar, e talvez até retumbar, o afeto pela cidade dentro de si, em oposição àquilo que é factível em sua vida e que por ora escolhe para se proteger, o abandono, a falta de perspectiva e a necessidade de se afastar para evitar a dor. Pode lembrar-se também, em outro sentido, a relação entre a obra de Noll e a música. Ao escolher o verbo ressoar para tratar da cidade estabelece-se uma conexão entre dois significantes de afeto para Noll. Assim, o caminhante a que temos acesso em *Solidão continental* é nostálgico e prefere mais esquecer do que lembrar, apesar de ainda permanecer caminhando pela cidade.

Aqui cabe lembrar os conceitos de Tuan de topofilia como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como

⁶ Ressoar. Aulete Digital. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/ressoar> Acesso em: 18 mar. 2026.

experiência pessoal” (Tuan, 2015, p. 17), em que existe afeto e contentamento em relação a um lugar, e seu contraponto, a topofobia, no qual a familiaridade com certo lugar pode gerar desprezo ou repulsa. Em parte, pode-se afirmar que o personagem de Noll vivencia nuances topofóbicas sobre Porto Alegre, com a mudança de uma topofilia que, devido às circunstâncias, torna-se o seu oposto.

Em seguida, os dois personagens vão de ambulância pelas ruas, até chegarem ao HPS, quando o narrador informa a localização em que se encontram. É em uma tentativa de se distanciar que ele informa, ao mesmo tempo em que há um reconhecimento e até identificação momentânea com o espaço em que se encontra:

Então me pus a andar pelo seboso corredor do hospital a ouvir gemidos, confabulações entre médicos e parentes e amigos dos pacientes emergenciais, até entrar por uma sala vazia, vazia a ponto talvez de passar por uma reforma. Abri uma janela por onde vi o que tinha de ver: tratava-se da avenida Osvaldo Aranha, cidade de Porto Alegre, cidade onde eu morava e a qual tinha perdido desde a retirada empreendida com Frederico durante horas, dias, não sabia, quem sabe meses, retirada para fugir das circunstâncias para ter o rapaz matando pouco a pouco a minha solidão. E qual era minha condição no momento? Mais só do que nunca, reconhecendo novamente Porto Alegre, sabendo enfim como voltar para casa, mais só do que nunca, repeti (Noll, 2012, p.74).

Em um momento de lucidez, o narrador-personagem recupera parcelas de memória, porque é obrigado a encarar a solidão por um momento, por Frederico estar ausente. Percebe-se o movimento entre fuga e reconhecimento da cidade, que é sistematicamente apagada. Também há contato com a alteridade, quando vê a população de rua e algumas senhoras no corredor:

Uma menininha filha de mendigos acampados ali embaixo me olhou com uma expressão indefinida, eu parecia lhe causar uma estranha atração. A garotinha usava batom, uma saia comprida de mulher adulta nos ombros, qual um manto fazendo uma cauda, e um sutiã sobre um enorme bustiê rasgado. Recuei. Fechei a janela para evitar o ruído exacerbado do trânsito. Tão logo fechei a janela ouvi uma cantoria só de vozes femininas. Atrás de mim, na sala outrora vazia, tinha uma maca rodeada de velhotas. Elas cantavam certamente um hino religioso, ainda pude ouvir submergindo em uma instância que não estava nem em Porto Alegre nem em parte alguma (Noll, 2012, p.77).

A tensão retorna quando o personagem sai do hospital e abandona Frederico aos cuidados médicos. Assim, o narrador-personagem volta para casa e precisa pegar o transporte público, o que tem insegurança em fazer, pois a memória não parece confiável, e precisa ser

restaurada à força, quando nos é fornecida a trajetória com pontos de referência, de maneira mais compatível como o restante da obra de Noll:

Vou pegar um ônibus, descer na parada exata, andar até meu endereço, na rua Fernando Machado, endereço que agora readquiri na lembrança na marra, lembro quantos cômodos o meu apartamento possui, um quarto e sala, cozinha, banheiro, dependência de empregada, penso se eu poderia acolher Frederico nele, penso, penso, faço sinal pro ônibus, ele para, eu sento, olho o parque da Redenção à minha esquerda, eu olho, só olho, não penso mais em nada, vegeto enquanto for transportado até uma parada relativamente perto da minha casa que nunca abrigou um casal, mulher, filhos, penso em voltar ao pronto-socorro (Noll, 2012, p.80-81).

Estabelece-se uma conexão entre o Noll de outros romances, como *Bandoleiros* (1985), *Rastros do verão* (1986) e *O quieto animal da esquina* (1991), que observam a cidade com atenção e com detalhamentos de itinerário, e o narrador de *Solidão continental*, que parece cansado de olhar, ao mesmo tempo que se refere aos lugares, o que ilustra a familiaridade com o lugar e, mais do que isso, a identificação com a cidade. A respeito da identificação entre narrador e autor, mais uma vez, nota-se que Noll de fato morava na Rua Fernando Machado nos seus últimos anos, o que acaba por reforçar a questão autoficcional deste romance. Depois de ficar pouco tempo em casa, sozinho, delirante e com necessidade de remédios, acaba saindo de casa e é sequestrado. Os sequestradores tentam sacar algum dinheiro em um caixa eletrônico e, em seguida, o personagem é largado à própria sorte em um ponto nobre de Porto Alegre:

Abrem o porta-malas. No meio da noite um rosto flamejante sob a luz de um poste, mais flamejante que um ponto de iluminação pública por si só poderia oferecer, flamejante como se estivesse em ignição, as mãos desse rosto me puxam para fora e me arrastam por um descampado de vegetação rasteira. Não há ninguém. Vejo prédios espaçados e de repente vislumbro o nome do Banco do Brasil — lembrei, onde tenho conta. Ainda pude perceber, estávamos no campus da Unisinos, universidade onde eu dera um curso sobre Técnicas no Ensino do Português para Estrangeiros. Naquela situação de overdose medicamentosa eu não lembrava a minha senha, nada, para que eles pudessem sacar as minhas rasas riquezas. A partir daí começaram a me arrastar de novo pelo campus noturno e vazio. Bateram na minha cabeça com algum peso que não identifiquei, sei que quando caí eu já bebia do meu próprio sangue. Ao vir a mim ainda era noite e uns brigadianos conversavam com alguns vigilantes do campus acerca do meu estado. Sei que não consegui apreender nada da conversa e que essa conversa não se efetivou em ação, não sei, sei que dali eu passei diretamente para a circunstância de maior conveniência para mim: apaguei (Noll, 2012, p.86).

Outra percepção que serve como contraponto da Porto Alegre que está na obra de Noll, a violência gratuita que resulta de perambular pelas ruas marca a decadência da cidade, em que não é possível caminhar sem sofrer consequências. Acompanha-se a partir de então

até o final do romance a decadência do personagem, que é levado novamente para o HPS para verificar se a pancada na cabeça não deixou sequelas: “eu passava a mão no crânio e sentia que a cicatriz era grande e que eu jamais recobriria a memória plena do que me tinha acontecido para que aquele talho tivesse se instalado ali” (Noll, 2012, p. 88).

Porto Alegre em suaves gotas: a cidade através do estado delirante

Como já comentado, o personagem tem problemas de memória⁷ durante a narrativa, que se intensificam. Quando solicitado a lembrar do próprio nome e de outras informações básicas, o narrador-personagem inventa um nome:

Estava bem assim, João... João Bastos, e assim eu dormiria aliviado, pois já tinha passado meu nome completo, João... João Bastos, homem branco, magro, morador da área central de Porto Alegre, ainda sem o número do prédio e o do apartamento claros na cabeça, mas era só eu adormecer sedado, era só passar por esse sono e enfim acordar que eu teria todos os meus dados na mente, era só isso acontecer para eu ser devolvido às ruas de onde eu tinha vindo e onde com certeza terminaria meus dias, entre uma esquina e outra, entre um bar e outro, tomando a minha cerveja e outras mais, mais outras, até que com a cabeça turva eu dissesse: eu viverei mais, bem mais, mais até do que poderei sustentar... (Noll, 2012, p.89).

A respeito da autoficção, cabe novamente marcar o compartilhamento entre o primeiro nome entre autor e personagem, em que o narrador parece extrapolar e permitir a elaboração de questões mal resolvidas do autor, elaboradas ficcionalmente. Assim, o nome que aproxima é também o que afasta ambos, pois a narrativa se torna cada vez mais onírica a partir do momento que o personagem está no HPS, em que não é possível distinguir alucinação ou real. As passagens a partir desse ponto passam a soar mais como estados delirantes do narrador, em

⁷ A respeito da memória, em dado momento, o narrador muda de postura ao perceber que talvez o final da vida esteja se aproximando, o que faz com que sinta uma emergência de viver o que ainda resta, em uma urgência de lembrar para viver: “Eu, que no Hospital de Pronto-Socorro do Município de Porto Alegre por vezes aceitava que naquele meu estado trêmulo, amnésico, fraco, já não tinha mais nada a perder, considerava agora que nas águas, ao contrário, por qualquer capricho eu não deveria botar tudo a perder, que eu tinha tudo, a começar a vida ensolarada, que tudo era portanto uma questão de cautela e não de destemor. Não é que eu já não sofresse mais amnésia, mas uma outra memória me inundava vinda daquela profusa natureza e eu fixava muito bem cada coisa que eu via, a cor azulada da água, o recorte de três nuvens, a rocha, a relva em volta, o garoto sem saber para onde olhava, se para mim ou para as coisas em torno, feito eu, que não sabia mais para onde olhar de tanto que tudo se me apresentava para que eu não precisasse buscar no passado o que já me povoava ali no zero da lembrança. Eu retinha na cabeça elemento por elemento para nunca mais esquecê-los, realçados em minúcias pelo sol veemente, arrebatador” (Noll, 2012, p.92-93).

que ele passa a ter desejos de reconciliação com a cidade, para restabelecer o contato com seus significantes: “Parecia haver um mundo onde as coisas se preservavam íntegras, mundo com o qual eu tinha rompido em consequência de uma doença qualquer” (Noll, 2012, p.101):

Naquele instante me ouvi cantando baixinho — as músicas me habitavam quase sem interrupções. O mundo me assoberbaria novamente em Porto Alegre, voltaria a ser espesso demais, e só a música me fazia esquecer por enquanto do peso que eu teria de enfrentar. Para não correr o risco de ficar repetindo meu endereço durante o trajeto de volta à cidade, para não esquecê-lo, anotei-o num papelzinho do fundo do bolso, pois, eu sabia, só com o meu endereço na ponta da língua me libertariam do hospital. Mesmo que em princípio tivesse **convicção da geografia da cidade** — independentemente de ter ou não o endereço na cabeça —, eu temia, sim, não encontrar mais as minhas referências no mundo, se por acaso queimasse a etapa do pronto-socorro. Se escapasse do período ainda devido como paciente, eu no mínimo continuaria hesitando na memória das coisas mais banais (Noll, 2012, p.109, grifo da autora).

Chama a atenção novamente a escolha da palavra **convicção** para falar sobre Porto Alegre. De acordo com Aulete⁸, **convicção** tem três acepções: ação ou resultado de convencer; forte confiança ou crença em alguma coisa; princípios, ideias que norteiam a vida de alguém. Tanto a segunda quanto a terceira acepção permitem revelar a profundidade de Porto Alegre no enunciado do narrador-personagem, que teve a cidade e a vida urbana como princípio vital. O personagem acaba por fugir do HPS e, entre peripécias (provavelmente mentais), sai da cidade é deixado em um lugar sem referências, no qual é obrigado a pensar em estratégias para retornar:

A canção que eu no íntimo cantava dava o ritmo da marcha. Eu fui feliz naquela caminhada de retorno a Porto Alegre. O sol estava mais baixo e eu andava com a camisa aberta ao peito, criando um tema melódico que começava sóbrio e aos poucos ia se exaltando a ponto de eu imaginar tufões de sopros, percussão alvoroçada, tímpanos, exultação, meu coração disparava até que tudo ia sossegando pouco a pouco e uma flauta se despedia quase inaudível e os meus passos feneciam. E eu olhava tudo em volta, e quando digo tudo era tudo mesmo, não havia um só ramo separado, uma réstia avulsa de raio solar entre duas copas, ou uma flor solta esmaecida pela pujança de luz, nada disso: cada coisa existia em seu conjunto e eu só sabia captar a vastidão e a vastidão era a unidade mínima de tudo. Eu era um rei. E como rei me sentia. Tão assim, que só me restava parar, contemplar, fruir o que os meus olhos alcançavam (Noll, 2012, p.110).

A caminhada de retorno pode ser uma alucinação do narrador-personagem que, devido à gravidade da pancada na cabeça, pode estar em estado inconsciente, e os acontecimentos vão sendo criados pela imaginação. Assim, há alegria em retornar ao tema, agora sem dor,

⁸ Convicção. Aulete Digital. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/convic%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 20 mar. 2026.

sem a necessidade de proteger-se, em parágrafo no qual novamente música e cidade se conectam, em que o narrador-personagem passa de fantasma a rei. E assim Porto Alegre é quem chama o personagem para voltar:

Lá adiante, numa estradinha poeirenta, um ônibus velho passava. Ia para onde, até o centro da cidade? Mas eu não me dei o tempo necessário para pensar em providências práticas e deixei que o ônibus me fugisse e fosse ao seu destino sem saber da minha existência ensimesmada. Eu precisava reiniciar os passos. Por que Porto Alegre me chamava, se eu não queria a dor de um hospital em corredores escuros e fétidos de suor, sangue, pruridos, bandagens, rumores trêmulos? Por que Porto Alegre me chamava?, indaguei batendo no peito até fazer barulho cavo, como se me açoitasse, para não ter de formular a resposta que jamais saberia dar. Por que Porto Alegre me chamava, hein?, ainda insisti e repeti e repeti para não ter de elaborar a resposta que, sim, sim, jamais saberia dar. Eu teria de chegar a Porto Alegre antes do entardecer (Noll, 2012, p.110).

Restabelece-se a conexão afetiva e a possibilidade de fruir a cidade, nem que seja em sonho e talvez uma versão da capital que não existia mais, e aponta-se o entardecer como indicação da morte do personagem, que delira na cama do hospital: “No mais, tudo coagulava, eu estava retido no instante. Naquela inércia me veio a ideia de estar preparando o meu gesto terminal. Mais uma vez, ele parecia a ponto de ocorrer... Mas mais uma vez, eu sabia, ele tardaria...” (Noll, 2012, p.111). Por fim, acaba por situar-se na Orla do Guaíba, em uma tentativa final de reconciliação:

Estremeci. E abri os olhos. Eu estava deitado sobre uma areia grossa. Parecia amanhecer, tudo ainda muito pálido. Uma pandorga negra se movia lenta em uma altura nem tão distante. Vendo do meu ângulo ela se sobrepunha a uma chaminé muito alta que não custei a identificar como sendo a da Usina do Gasômetro à beira do Guaíba. Sentei. Senti-me um tanto estonteado. Mesmo assim me levantei. Sacudi a areia que vinha na roupa. Olhei em volta e não tive dúvidas de que era uma aurora. Eu estava na Volta do Gasômetro, um dos cartões-postais da cidade, e não tinha vontade de extrair daí alguma garantia de que me encontrava no lugar certo para retomar meus pontos cardeais — e assim prosseguir enfim com mais conforto e segurança (Noll, 2012, p.121).

O encontro com um adolescente indígena, que mantém uma pandorga negra nos céus, indica a morte e também a reconciliação, um novo começo simbolizado pela aurora. Ao final, como um testamento, o narrador-personagem acerta as contas com a cidade a partir de uma hipotética alegria, ao caminhar como quem dança pelas ruas e recomeça de outro modo, nem que seja como um nome, em herança para o futuro: “Para começar, seria eu o mesmo ou aquele que acordara já era outro?” (Noll, 2012, p.122). Os últimos parágrafos restituem o

personagem ao lugar onde ele morava, em que pode viver sem preocupação material nem financeira: “Aproximei-me, toquei em sua parede e mais não fiz porque não precisava. Um caminhão de cerveja deixava gradeados num boteco logo ali na esquina” (Noll, 2012, p.123-124), onde a solidão não tinha mais lugar:

Virei-me em direção aos prédios, pois era com a cidade que eu teria de me entender agora, eu sabia, eu deveria voltar se ambicionasse de fato sair daquela situação sitiada. O sol vinha vermelho e me banhava. Fiz um passo de dança, fiz dois, três, abri os braços. O vento parecia ser o de primavera e se esmerava em sua viagem quase, quase brisa. Sim, os jacarandás floridos. Havia muitos na rua por onde eu passava (Noll, 2012, p.123).

Assim, *Solidão continental* conecta-se aos outros romances de Noll que tratam da cidade, mas com um teor mais melancólico do que os anteriores, em um aceno final bem como uma despedida. De fato, Noll não publicou outros romances e, até onde se sabe, não há materiais inéditos para além dos que foram publicados em *Educação natural* (2022).

Considerações finais

O caminhante a que temos acesso em *Solidão continental* é nostálgico e prefere mais esquecer do que lembrar, para evitar a dor de perceber-se sem poder de ação, apesar de ainda permanecer caminhando pela cidade. Em um contexto no qual a cidade tem perdido algumas de suas marcantes e históricas características físicas e até culturais e, mais do que isso, tem tornado-se cada vez mais hostil aos pedestres, nota-se um narrador-personagem que depõe a respeito das mazelas enfrentadas pelos mais pobres e pela população fragilizada, como os idosos, e que sofre com o descaso de uma cidade que já foi no passado recente, que ouvia seus habitantes, em um diagnóstico de decadência cidadina que ressoa com o presente.

A Orla do Guaíba do delírio do personagem de Noll já não é a mesma a qual as pessoas têm acesso hoje, devido ao processo de revitalização que modificou suas características. Nesse sentido, existem tensões de mercado e interesses financeiros que vem transformando as dinâmicas urbanas porto-alegrenses, vide as diversas demolições de casas

históricas ou relevantes arquitetonicamente, como exemplo da casa onde morou Caio Fernando Abreu⁹ ou, mais recentemente, a casa do advogado Oswaldo de Lia Pires¹⁰.

Além disso, destaca-se a presença de um flâneur idoso, que usa transporte público, mas sente-se invisível onde vive. Nota-se o passeio por pontos importantes de Porto Alegre, desde bairros como Centro Histórico, Bom Fim e Boa Vista, a bairros mais periféricos, como o Lami, no extremo-sul da cidade, que ocorre tanto a pé quanto com uso de transporte público. Há encontro com a alteridade, como a passeata e os mendigos vistos da janela, e uma dificuldade de encarar a cidade e sentir-se parte dela, porque, para o personagem, é como se não houvesse preocupação pública a respeito da qualidade de vida. Conforme o que foi tratado, pode-se observar um valioso material para investigar a questão do trânsito dos idosos pela cidade, questão pouco discutida, mas que se coloca como perspectiva a ser investigada posteriormente, dada a importância do tema¹¹, já que o envelhecimento da população brasileira está acelerando e provavelmente será contundente nas próximas décadas.

Referências

- BENJAMIN, Walter. “Paris do segundo império – O flâneur”. In: *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BRANDÃO, Luis Alberto. Linhas de força no espaço. In: *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013, p.35-46.
- CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p.169-191.
- COVERLEY, Merlin. O flâneur. In: *A arte de caminhar: o escritor como caminhante*. Trad. Cristina Cupertino. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

⁹ Antiga casa de Caio Fernando Abreu é demolida, no Menino Deus. GZH (2022). Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/07/antiga-casa-de-caio-fernando-abreu-e-demolida-no-menino-deus-cl5rclu4u0087014sgftvhpv4.html>. Acesso em: 05 jun. 2026.

¹⁰ Após leilão de bens, casa icônica do advogado Lia Pires é demolida em Porto Alegre. GZH (2026). Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2026/03/apos-leilao-de-bens-casa-iconica-do-advogado-lia-pires-e-demolida-em-porto-alegre-veja-fotos-cmndk7kjd007r014odpe3lvh3.html>. Acesso em: 05 jun. 2026.

¹¹ “Envelhecimento da população impulsiona novas ações em defesa dos idosos”. Agência Senado (2025). Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2025/06/envelhecimento-da-populacao-impulsiona-novas-acoes-em-defesa-dos-idosos>. Acesso em: 20 mar. 2026.

- DALCASTAGNÈ, Regina. As cidades possíveis. In: *Uma história da literatura brasileira contemporânea: a narrativa*. São Paulo: Todavia, 2026.
- ELKIN, Lauren. Flâneuse-ando. In: *Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Fósforo, 2022.
- FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Itinerários*, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/8165>. Acesso em: 4 jun. 2026.
- FREUD, Sigmund. O recalque. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Tradução de Luiz Alberto Hanns et al.. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 175–193.
- FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 5: *Psicopatologia da vida cotidiana e Sobre os sonhos* (1901). Tradução de Paulo César de Souza. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- GROS, Frédéric. O flâneur das cidades. In: *Caminhar; uma filosofia*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu, 2021.
- HARVEY, David. O direito à cidade. In: *Cidades rebeldes*. Trad. Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- ILHA, Flávio. *João aos pedaços*. Porto Alegre: Diadorim, 2021.
- MAGDALENO, Renata Fernandes. Um autor em movimento: uma reflexão sobre o escritor brasileiro contemporâneo através da obra de João Gilberto Noll. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 39, p. 235-251, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9832>. Acesso em: 21 jan. 2026.
- NOLL, João Gilberto. *Solidão continental*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- KRACAUER, Siegfried. Análise de um mapa de cidade. In: *O ornamento da massa*. Trad. Carlos Eduardo Jordão Machado e Marlene Holzhausen. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p.57-60.
- SARLO, Beatriz. Esquecer Benjamin. In: *Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação*. Trad. Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Edusp, 2005.
- SOLNIT, Rebecca. Paris, ou a botânica do asfalto e Cidadãos das ruas: festas, procissões e revoluções. In: *A história do caminhar*. Trad. Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Martins Fontes, 2016, pp.357-384.
- TALLY JR. Robert. *Espacialidade*. Uberaba: Ribeirão Gráfica e Editora, 2018.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. Londrina: EdUel, 2015.

Recebido em: 23/03/2026; **Aceito em:** 10/06/2026.